

HISTÓRIA

2ª Série
Ensino Médio

Módulo 5



SEJA BEM-VINDO AO CURSO DE HISTÓRIA!!

Para facilitar seus estudos:

- Leia atentamente os módulos e se achar necessário responda **NO CADERNO** as atividades propostas. Elas não são obrigatórias.
- Consulte o dicionário sempre que não souber o significado das palavras. Se necessário, utilize o volume da biblioteca.
- Se você tiver dúvidas com a matéria, consulte uma das professoras na sala de História.

Bons estudos e siga em frente!

IMPORTANTE:

NÃO ESCREVA NA APOSTILA, POIS ELA SERÁ TROCADA POR OUTRA.

A TROCA SÓ SERÁ FEITA SE A APOSTILA ESTIVER EM PERFEITO ESTADO.

ESTA APOSTILA FOI ELABORADA PELA
EQUIPE DE HISTÓRIA DO CEESVO
CENTRO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO SUPLETIVA DE
VOTORANTIM

PROFESSORAS: DENICE NUNES DE SOUZA
MEIRE DA SILVA OMENA DE SOUZA
ZILPA LAURIANO DE CAMPOS

COORDENAÇÃO: NEIVA APARECIDA FERRAZ NUNES

VOTORANTIM, 2006.

OBSERVAÇÃO

MATERIAL ELABORADO PARA USO
EXCLUSIVO DO CEESVO,
SENDO PROIBIDA A SUA COMERCIALIZAÇÃO.

APOIO

PREFEITURA MUNICIPAL DE VOTORANTIM

MÓDULO **5**

**A COLÔNIA EM CRISE
- SÉCULO XVIII -**

Caro aluno, neste módulo você estudará o processo que provocou o fim do sistema colonial aqui no Brasil e o que desencadeou à independência do Brasil.



**Você
está iniciando
a 2ª série
em História.**

Para isso, é necessário estudar em linhas gerais, a **situação europeia** e a crise do **Antigo Regime**.

Ah! Você estudará também como foi o **Primeiro Reinado**, isto é, o governo de **D. Pedro I** aqui no Brasil e os **fatores que levaram a sua renúncia**.



Então, para você entender o que provocou o fim do sistema colonial é necessário saber o que estava acontecendo na Europa nesse período...

Em meados do século XVIII, surgiram
NOVAS IDÉIAS.

E essas novas idéias vão mudar a vida de muita gente...
...inclusive, as colônias vão dar um basta a toda exploração sofrida durante mais de três séculos.

Vamos lá!

A SITUAÇÃO EUROPÉIA

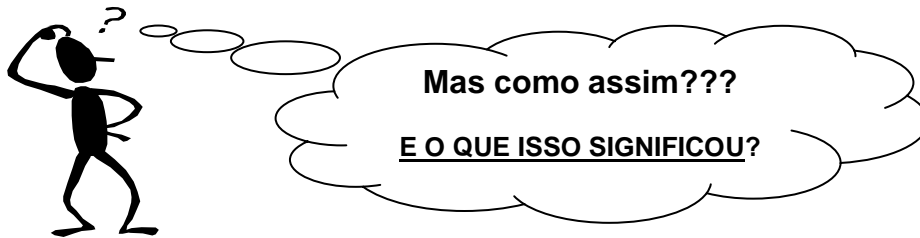
• A CRISE DO ANTIGO REGIME

A partir de meados do século XVIII, com a *evolução do capitalismo*, que passou de comercial a industrial, e as chamadas *revoluções burguesas* (Revolução Industrial, Revolução Americana e Revolução Francesa) foram colocados em xeque o Antigo Regime, e o sistema colonial, abrindo caminho para a Independência das colônias latino-americanas, incluindo o Brasil.

Antigo Regime - era o:

- Absolutismo - poder absoluto dos reis;
- Mercantilismo - economia dos reis e
- Sociedade Estamental - onde o lugar da pessoa na sociedade era determinado pelo nascimento.
- E também os privilégios da nobreza e do clero.

Verificou-se nesta época, uma transformação importante na economia mundial. Ao mesmo tempo da Revolução Industrial, operou-se a substituição gradativa do capitalismo comercial pelo capitalismo industrial.



Veja bem, antes dessa época, quem possuía o **capital** (qualquer riqueza capaz de dar renda e que se emprega para obter nova produção) **eram os ricos comerciantes**. A indústria estava na fase do artesanato: o pequeno produtor independente, o artesão, vendia seus produtos diretamente ao consumidor ou ao grande comerciante que lhe fornecia a matéria-prima.

Com a Revolução Industrial, estabeleceram-se as grandes fábricas, concentrando-se muitos trabalhadores, simples assalariados, dirigidos por um patrão, dono da fábrica e do dinheiro, isto é, do *capital*. Para o **capitalismo industrial**, que passou a **dominar** cada vez mais a economia, não interessava o monopólio comercial.

Os industriais queriam o comércio livre, para poderem comprar a matéria-prima de quem quisessem e venderem seus produtos nos mercados que possibilitassem maiores lucros.

Ao **mercantilismo** opunha-se, portanto, o **LIBERALISMO**, denominação dada ao **conjunto de idéias contrárias à intervenção do Estado na economia e favorável à livre iniciativa**. O capitalismo industrial voltou-se contra todos os monopólios. **Espanha e Portugal** resistiram o quanto puderam, já que, sem o monopólio comercial sobre suas colônias, seus impérios não teriam sustentação.

Portugal, em particular, vivia apenas como **simples intermediário** do comércio entre as suas colônias e os países europeus: levava os produtos do Brasil para os mercados consumidores e trazia para cá as mercadorias necessárias ao consumo da população.

Saiba que a manutenção desse monopólio só era possível mediante a imposição de sérias restrições às atividades econômicas da colônia, impedindo que fossem produzidas aqui as mercadorias vendidas pelos comerciantes portugueses.

Não é preciso dizer o quanto essas medidas restritivas dificultavam o desenvolvimento da colônia, além de criar inúmeros problemas.

Os fornecedores portugueses atendiam muito mal às necessidades da população, facilitando com isso a expansão do contrabando.

Seria preciso mudar esse estado de coisas, cortar as amarras que forçavam o Brasil a produzir para exportar, de acordo com os interesses da metrópole, em vez de procurar atender às próprias necessidades.

Agora, conheça os TRÊS FATORES importantíssimos, que provocaram a crise do sistema colonial na 2ª metade do século XVIII e que marcaram a transição da Idade Moderna para a Idade Contemporânea.

1) **Revolução Industrial**

Por volta da metade do século XVIII, especialmente na Inglaterra, começaram a surgir as primeiras fábricas. A máquina a vapor tinha sido uma invenção sensacional: sozinha, ela fazia o trabalho de muitos homens, com a vantagem adicional de não raciocinar nem reivindicar...

A burguesia esfregava as mãos de contentamento por causa dos lucros. Enquanto isso, o **proletariado** (os trabalhadores assalariados) rebentava o corpo horas a fio na fábrica, em troca de míseros salários.

Por que a Inglaterra foi a pioneira (a primeira) na Revolução Industrial?



Em **primeiro lugar**, porque desde o século XVII, com a Revolução de 1640-1689, a burguesia ocupava o poder. Isso quer dizer que o governo britânico fazia de tudo para dar força aos negócios da burguesia.

A destruição do feudalismo tinha criado um enorme bando de pessoas famintas e sem terra. Totalmente “livres” para optar entre trabalhar como desgraçados numa indústria ou morrer de fome desempregados.

Os capitalistas chamam isso de “liberdade de escolha”.

Em **segundo lugar**, foi o enriquecimento de sua burguesia. Durante séculos ela veio investindo e aumentando seu poder econômico. Foi a fase da chamada acumulação primitiva de capital.

Como foi que a burguesia conseguiu crescer tanto a ponto de se lançar para a conquista do mundo?

Trabalho? Esperteza? Sorte?

Na verdade, a origem da riqueza burguesa está ligada ao tráfico de escravos, à exploração colonial, à pirataria, à expulsão dos camponeses de suas terras, ao roubo e assassinato de milhões de indígenas, à miséria das famílias endividadadas, à ruína dos artesãos, às sangrentas guerras motivadas por ambições econômicas.

**Ainda bem que tudo isso é coisa do passado!
Você não acha?**

Muitos **outros fatores** facilitaram a Revolução Industrial inglesa.

O espírito científico e racional do **Iluminismo**, os investimentos em tecnologia, as reservas de carvão, a poderosa marinha mercante etc.

O **ILUMINISMO** - propunha o fim do poder absoluto dos reis, o fim do privilégios da nobreza e do clero - que eram características do Antigo Regime, e defendia entre outras idéias, o **liberalismo econômico** (liberdade para os negócios) e a igualdade perante a lei.

Disso tudo resultou uma enorme **produção de mercadorias, com a consolidação do sistema capitalista**. É evidente que a Inglaterra buscou vender seus produtos no mundo inteiro. **Estava lançada a corrida pela disputa dos mercados mundiais**.

– Agora responda em seu caderno:

1) *Como se deu a acumulação de riquezas pela burguesia?*

Saiba mais...

SER OU NÃO SER LIBERAL...

A Revolução Industrial e o triunfo do capitalismo contribuíram para mudar o que muitos homens europeus pensavam sobre a economia e a política. Os ideais do Liberalismo estavam vencendo.

O Liberalismo econômico foi brilhantemente defendido por Adam Smith (1723-1790). Antes dele, os fisiocratas, economistas do Iluminismo francês, já haviam defendido idéias semelhantes. Acontece que os fisiocratas achavam que só a agricultura seria uma atividade produtiva. Ora Adam Smith já vivia numa sociedade em que as fábricas nasciam uma atrás da outra. É claro que ele vai reconhecer o valor do trabalho e se apaixonar pela indústria.

O objetivo de Adam Smith era mostrar que o mercantilismo tinha deixado de favorecer os negócios. Ele dizia que a economia funciona muito melhor quando o Estado não se intromete nela. Os empresários deveriam ter liberdade total, assim a economia cresceria muito mais com o vale-tudo bem capitalista.

O liberalismo político já vinha sendo defendido pelos iluministas franceses e por ingleses, como o filósofo John Locke (1632-1704). Eles combatiam o absolutismo e pregavam uma sociedade em que estariam garantidos os direitos de propriedade privada (para quem a possuísse, é claro!), de liberdade individual e de igualdade jurídica (a mesma lei valeria para todos).

Para eles, o governo seria limitado pela Constituição e escolhido pelos cidadãos, embora muitos liberais achassem que o direito de voto só deveria ser dado aos que tivessem certa quantidade mínima de bens...

Como se vê, os liberais defendiam os interesses da burguesia da época. Mas também é verdade que as liberdades democráticas eram uma importante conquista do povo em geral. É por isso que muitas revoluções populares, nos séculos XVIII e XIX, vão conter idéias liberais.

2) Revolução Americana

Em 1776, os **Estados Unidos da América** libertaram-se do domínio inglês. Na Declaração de Independência foram estabelecidos a igualdade perante a lei, a função dos governos de garantir os direitos dos governados e o princípio segundo o qual o poder dos governos depende do consentimento dos governados.

A **forma de governo adotada foi a republicana do tipo presidencialista**, com divisão e independência dos poderes Executivo, Legislativo e Judiciário. A partir de então, outras colônias americanas começaram a lutar para libertar-se das metrópoles. A independência dos Estados Unidos, despertou os sentimentos emancipacionistas de todas as colônias americanas. Sua **revolução vitoriosa** diante da poderosa metrópole inglesa, **seu regime republicano** diante de um mundo ainda monárquico e sua **constituição liberal**, contrastando com o absolutismo europeu de “direito divino”, fascinaram os colonos da América Latina.

3) Revolução Francesa

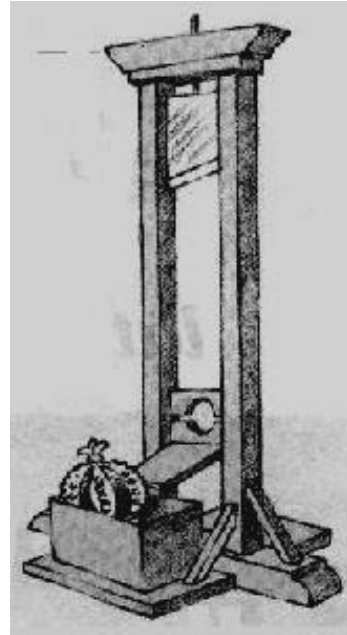
O Antigo Regime na França parecia uma panela de pressão pronta para explodir. Reis e nobres, morando em palácios luxuosíssimos, eram sustentados por milhões de camponeses famintos e esfarrapados. A burguesia, por sua vez, exigia ter voz no governo. Para piorar a situação, os cofres reais estavam vazios. Os gastos irresponsáveis tinham raspado todo o dinheiro do fundo.

O assunto nas festas da nobreza era como aumentar os impostos. O assunto no almoço do camponês, quando havia o que comer, era como triturar um nobre...

O rei Luís XVI ainda tentou contornar a situação. Mas, a partir de 1789, a rebelião estourava em todo o país e o rei foi para a guilhotina. Em Paris, os trabalhadores pegaram em armas e garantiram a segurança dos deputados que elaboraram a Constituição de 1791 e a célebre *Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão*, inspirada nos iluministas.

Foram abolidos os privilégios feudais, e no lugar do absolutismo implantou-se uma monarquia constitucional.

A Revolução Francesa também influenciou movimentos contra o colonialismo e os privilégios dos nobres em várias partes do mundo, inclusive no Brasil.



O **ILUMINISMO** - propunha o fim do poder absoluto dos reis, o fim dos privilégios da nobreza e do clero - que era características do Antigo Regime, e defendia entre outras idéias, o **liberalismo econômico** (liberdade para os negócios) e a igualdade perante a lei.

PARA REFLETIR... LUZES DA RAZÃO PARA A MUDANÇA

Os iluministas acreditavam que só um tirano tentaria resolver problemas sociais através da violência. Por isso, eles defendiam a **educação como o grande caminho da mudança**.

Assim, as crianças deveriam aprender a amar a liberdade e a justiça, e teriam uma sólida formação científica.

A tortura e a pena de morte seriam abolidas. As prisões visariam a reeducação do criminoso.

A tolerância seria cultivada: não se perseguiria ninguém por suas próprias idéias religiosas ou políticas.

Agora, pense...

Será que essas idéias seriam válidas hoje? Será que o Brasil atual deixaria um iluminista satisfeito?

- **A CRISE DO SISTEMA COLONIAL**

No final do século XVIII e começo do XIX as contradições entre **Colônia** e **Metrópole** tinham se tornado insuportáveis. Era a crise do antigo sistema colonial.



Para entender melhor a crise do sistema colonial, é necessário voltar sua atenção para as colônias aqui da AMÉRICA.

As **colônias** tinham seu próprio modo de ser, isto é, sua estrutura econômica e social possuía autonomia. Não eram meros suplementos das metrópoles. A Colônia “funcionava” do seu jeito, e o que aconteceu dentro dela, estruturalmente, explica a crise do sistema colonial.



Mas o que será que aconteceu na estrutura, dentro das colônias!?

É que as colônias tinham crescido. Sua produção econômica, sua população, as comunicações, tudo se desenvolvia.

Elas cresceram tanto que o sistema colonial estava se tornando uma barreira que impedia novos crescimentos. E tanto a elite colonial como as camadas médias e populares queriam crescer.

É como usar o nosso casaco de infância. Ele era bonito e esquentava. Mas a gente cresce e engorda. O casaco passa a apertar e até a sufocar. É preciso tirar o casaco.



Assim, é fácil perceber que o casaco era o sistema colonial e que o strip-tease seria a independência.

E como as colônias da América receberam as mudanças ocorridas na Europa?

Bem, você não pode esquecer da **Revolução Industrial**, pois a **Inglaterra** lançava "**olhos gulosos**" para os mercados consumidores que a América poderia oferecer. Por outro lado, o pessoal das colônias também queriam comprar barato dos ingleses, sem a intermediação da Metrópole.

Então, está na cara que a Inglaterra daria a maior força para as independências, não é mesmo?

Assim, por um motivo ou outro, as colônias queriam a independência e o recheio intelectual viria do **Iluminismo** e do **Liberalismo**.

As elites liam tudo o que era novidade na Europa. Mandavam seus filhos para as universidades européias, e eles voltavam falando de liberdade.

O **ILUMINISMO** - propunha o fim do poder absoluto dos reis, o fim dos privilégios da nobreza e do clero - que eram características do Antigo Regime, e defendia entre outras idéias, o **liberalismo econômico** (liberdade para os negócios) e a igualdade perante a lei.

Nas **treze colônias inglesas** (atual Estados Unidos), o movimento de independência teve características democráticas.

Mas, na **América Latina**, as elites eram muito poderosas e conseguiram evitar uma participação mais profunda do povo.

Isso significa dizer que, **aqui**, as idéias do **Iluminismo** e do **Liberalismo** foram **filtradas** pelas elites, ou seja, as elites só pegaram o que lhes interessava.

A parte democrática foi posta de lado, como **idéia inventada** por estrangeiros **inimigos da pátria**...

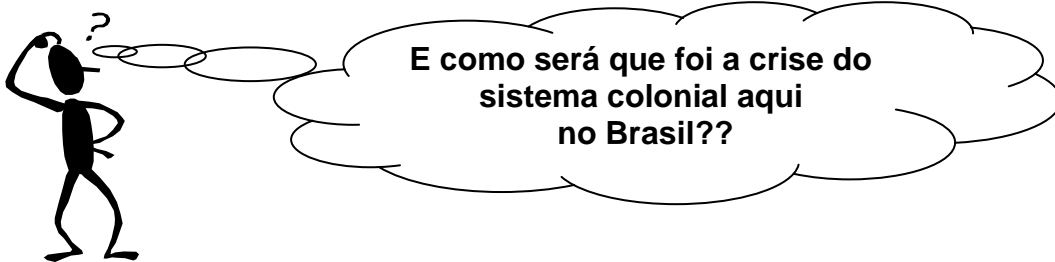
Saiba que no começo do século XIX, a maioria das **colônias** se tornaram independentes.

Nesta época, um novo domínio, mais sutil e oculto, estava nascendo: o do capital inglês.

– Agora responda em seu caderno:

2) A crise do sistema colonial provocou à independência das colônias americanas? Elas ficaram realmente livres?

Agora, voltando ao Brasil...



Ao longo do tempo, o funcionamento do sistema colonial acabou gerando uma contradição inevitável entre a metrópole e a colônia, que se expressava na rivalidade:



Em outras palavras: **não era possível continuar explorando a colônia sem desenvolvê-la. Em contrapartida, ao se desenvolver a colônia poderia criar condições para lutar pelo fim da exploração da metrópole.**

Assim, ao mesmo tempo em que incentivava o desenvolvimento da colônia, a metrópole tomava medidas para contê-lo, procurando para isso, controlar a elite colonial.

Para controlar o desenvolvimento do **Brasil (colônia)**, **Portugal (metrópole)** adotou medidas como:

- **Proibição**, em 1751, do *ofício de ourives* (pessoa que dá forma ao ouro - faz anéis, colares etc.), na região de Minas Gerais, para evitar o extravio de ouro. Em 1766, a medida foi estendida para Bahia, Pernambuco e Rio de Janeiro.
- **Proibição**, em 1785, de todas as *manufaturas têxteis* (produção caseira de tecidos), com exceção daquelas que produziam panos grosseiros de algodão, destinados à vestimenta dos escravos ou à confecção de sacos. A medida tinha como objetivo concentrar a mão-de-obra disponível na colônia essencialmente em duas atividades: a agricultura exportadora e a extração de minérios. Os tecidos e outras manufaturas usados pelos colonos teriam de ser **importados (comprados de outro país)**, através do comércio metropolitano.
- **Proibição**, até 1795, da *instalação de indústria de ferro*, obrigando os colonos a importar (comprar) da Europa as ferramentas de que necessitavam.

O conflito de interesses entre colônia e metrópole agravou-se com o tempo, gerando tensões que acabaram em rebeliões.

Agora você estudará em linhas gerais, duas rebeliões ou revoltas ocorridas nesse período:

- ◆ A Conjuração ou Inconfidência Mineira;
- ◆ A Conjuração Baiana.

◆ Conjuração ou Inconfidência Mineira?

A palavra “Inconfidência” significa, segundo o Dicionário Aurélio, falta de fidelidade, traição. No contexto do movimento ocorrido em Minas Gerais, podemos questionar: **Traição contra quem?**

Contra o governo opressor que impunha a cobrança forçada de impostos (“**derrama**”). Os que lutaram, principalmente **Tiradentes**, foram fiéis aos seus ideais de liberdade. Por isso, o mais correto é dizermos Conjuração (conspiração contra uma autoridade estabelecida). No caso os mineiros conspiraram contra o domínio português.

Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes, tinha tudo para ser contestador: era pobre, oprimido, inteligente e esclarecido. Deu duro na vida para sobreviver: guiou mulas, procurou lugares de mineração, trabalhou com a enxada na terra.

Cheio de imaginação, projetou um sistema de canalização de água para o Rio de Janeiro. Mas não foi aprovado pelo governo. Era militar, mas nunca fora promovido porque não possuía padrinho. Aprendeu francês e leu os Enciclopedistas: tudo tinha a ver com ele.

Luta contra a tirania, liberdade e igualdade, esses sim eram os ideais de um homem digno! É isso aí: pobre, digno e revolucionário.

No final do século XVIII, a situação estava preta em Minas Gerais. A ameaça do governador, visconde de Barbacena, de cobrar à força os impostos atrasados, a famosa “**derrama**”, apavorava todo mundo. Não se podia mais aceitar a exploração colonial. Era preciso lutar pela independência.

Os "**grandes**" da região resolveram **conspirar**. Eram os **latifundiários** (grandes fazendeiros), **padres**, **militares** de alta patente e os **homens** enriquecidos com o ouro. Nomes famosos, como Tomás Antônio Gonzaga, Cláudio Manoel da Costa e o cômico Luiz Vieira, ricos e intelectuais. Vários tinham estudado em Portugal (Coimbra) ou na França, onde absorveram idéias iluministas.

Os **conjurados** (**conspiradores**) mineiros tinham projetos para o novo país. A capital seria São João Del Rei, enquanto Vila Rica seria um centro universitário. Criariam manufaturas (fábricas que utilizavam o trabalho manual) de pólvora, ferro e tecidos.

Os nobres teriam de usar os tecidos nacionais. O **governo**, pela **inspiração** dos Estados Unidos, deveria ser **republicano**. **Mas o problema da escravidão ficou em aberto.**

Os **conjurados** eram donos de escravos e a maioria achava que "**ainda não era o momento de acabar com a escravidão**". O problema é que essa elite (ricos) não tinham o menor contato com o povo.

O único vínculo era através de Tiradentes, este sim, agitador entusiasmado e idealista. Nas ruas, estradas, bordéis e tavernas, entre copos de cachaça e olhares sedutores das mineiras, lá estava ele, ardente, atrevido e falador.

Um traidor, o coronel Silvério dos Reis, e mais dois oficiais, para terem suas dívidas perdoadas, deduraram seus companheiros de conspiração.

As autoridades agiram rápido e foi todo mundo em cana.

Pela primeira vez, os riquinhos sentiram na pele as pancadas da vida. O mau caratismo proliferou: um acusava o outro, para se livrar da responsabilidade. Choravam, implorando perdão. Um dos poucos com atitude digna foi **Tiradentes**. Assumiu tudo de peito aberto, para alívio de seus acovardados cúmplices. O julgamento foi uma encenação.

Primeiro, anunciaram a execução de vários. **Depois** que eles esvaziaram os intestinos descontrolados e choramingaram feito crianças mimadas, as autoridades mostraram o perdão da Rainha D. Maria. Em vez de morte, o **degredo** (expulsão do Brasil) para a África.

Apenas **Tiradentes** seria executado. **Por quê?** O governo português **sabia que ele não era o principal líder, pois não era rico nem tinha curso universitário.**

Claro que teve um papel importante, porque era o **grande agitador** junto ao povo comum. Mas, um homem comum como ele, jamais seria aceito como líder pelos ricos membros da elite colonial.

As autoridades portuguesas sabiam disso. Sabiam também que **Tiradentes** estava querendo bancar o mártir, assumindo toda a culpa.



Por que então ele foi o único executado?

Porque **Tiradentes** era o único pobre do grupo. Enforcaram-no para dar exemplo para o povão. “Que nunca mais ninguém se atreva a se rebelar!”

O corpo de **Tiradentes** foi cortado em vários pedaços. A cabeça, decepada, exibida em público, como exemplo da força do poder Real.

“Ninguém nunca mais ousará se revoltar no Brasil!”

Porém, numa noite, apesar da vigilância dos soldados, a cabeça foi roubada e nunca mais apareceu! Através do gesto simples e abusado, o povo dava seu recado insubmisso às autoridades coloniais.

— Agora responda em seu caderno:

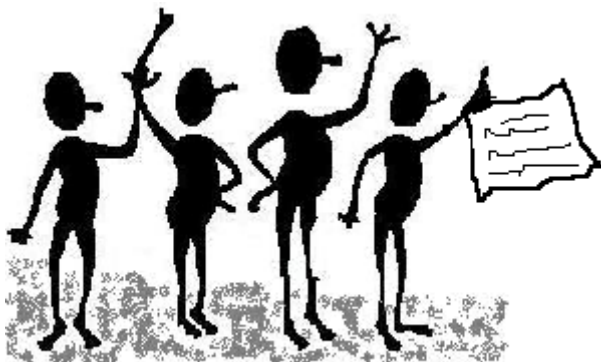
3) Relendo o texto sobre a Conjuração Mineira, por que somente Tiradentes foi executado?

◆ **Conjuração Baiana**

Quase dez anos depois dos acontecimentos de Minas Gerais, surgiu um movimento revolucionário na Bahia. Diferentemente da Conjuração Mineira, que foi organizada pela elite colonial, a Conjuração Baiana, também conhecida como **Revolta dos Alfaiates**, contou com a participação de pessoas das camadas sociais mais humildes. Eram alfaiates, soldados, mulatos, negros livres e escravos inconformados com a fome e a miséria.

Os **objetivos** desse movimento estavam mais voltados às aspirações do povo, pois reivindicava reformas contra as injustiças sociais e raciais da época.

Alguns homens ricos e cultos que participavam da Conjuração Baiana recuaram quando perceberam seu alcance verdadeiramente popular.



Em Salvador na Bahia, na manhã de 12 de agosto de 1798, há uma aglomeração em torno do pelourinho...

...O que seria?

Ah! Era um cartaz que botaram e, como quase ninguém sabia escrever, alguém o lê em voz alta.

Todos são iguais e têm o mesmo direito à liberdade, igualdade e fraternidade.



Era uma chamada para os baianos repetirem o que os **jacobinos** (grupo formado por deputados, burgueses e intelectuais) estavam fazendo na **França** - *uma revolução onde “cada um, soldado e cidadão, independente de serem negros, pardos, marginalizados e abandonados, todos seriam iguais, não haveria diferença, só haveria liberdade, igualdade e fraternidade”*.

Não havia somente um folheto para ser arrancado por algum riquinho que passava por ali, havia muitos outros.

O projeto dos rebeldes baianos continha uma série de medidas importantes, tais como:

- Romper com a dominação portuguesa e proclamar uma república democrática.
- Abolir a escravidão do negro.
- Aumentar a remuneração dos soldados.
- Abrir os portos brasileiros aos navios de todas as nações.
- Melhorar as condições gerais de vida do povo.

Assim, os revolucionários desejavam não somente romper com a dominação colonial portuguesa, mas também modificar a ordem social interna do Brasil, que se baseava no trabalho escravo.

Os latifundiários exigiram providências. As autoridades começaram a agir contra o movimento e contra as idéias. Mas por onde começar?

Pela maçonaria: a loja Cavaleiros da Luz difundia **idéias iluministas**. Mas era só ela? Não, era só uma ponta. Havia outra: **Cipriano Barata**, o médico dos pobres, o revolucionário de todas as revoluções.

Mais ainda? Sim, o núcleo de revolucionários era composto por negros e mulatos pobres, esses sim, os mais perigosos.

A **maçonaria** era, na época, uma organização secreta de ajuda mútua. Cada maçom deveria dar uma força para um irmão maçom em dificuldades.

Geralmente os maçons eram comerciantes, donos de oficinas de artesanato, intelectuais e profissionais liberais.

Isso ajuda a explicar o empenho da maçonaria em divulgar os ideais iluministas (liberdade e autonomia).

O **ILUMINISMO** - propunha o fim do poder absoluto dos reis, o fim dos privilégios da nobreza e do clero - que eram características do Antigo Regime, e defendia entre outras idéias, o **liberalismo econômico** (liberdade para os negócios) e a igualdade perante a lei.

Começou a repressão. Mais de cem pessoas na cadeia, a tortura. Os trabalhadores portam-se com honra e ativez. Um deles, arrebatado pelas pancadas, declarou, diante do irritado governador, que repartiria as fortunas dos ricos entre os que nada tinham.

A resposta da Coroa: enforcamento de vários rebeldes.

Pedaços de corpos mutilados foram pendurados como carne de boi num açougue. A lição para que o povo nunca mais fosse insolente.

Será que conseguiriam calar a multidão?



Bem, agora, antes de continuar estudando o que acontecia aqui no Brasil é necessário você saber qual era a situação europeia no início do século XIX, certo?

Como você já estudou, a ***Revolução Francesa*** ocasionou à derrubada do **governo absolutista** de Luís XVI, sendo guilhotinado em 1793, na França. A vitória da França provocou a ira de vários países europeus, que também eram absolutistas e que tentavam combater o perigoso exemplo francês.

Em meio a essas guerras, surgiu um líder militar e político, que aproveitou das dificuldades internas e do ataque internacional, para assumir o governo francês com um golpe de Estado, em 1799.

Quem foi esse líder?

Ora, era o baixinho ***Napoleão Bonaparte***.

Após tomar o poder em seu país, Napoleão foi vencendo a maioria dos inimigos e fazendo da França uma potência no continente europeu.

Esse crescimento do poder francês não agradou em nada a Inglaterra, maior centro capitalista e industrial do período, e para superá-la, Napoleão buscou o confronto direto, mas acabou derrotado pela superioridade naval dos ingleses.

Como a França não conseguiu vencer militarmente a Inglaterra, tentou usar uma outra estratégia. Napoleão resolveu isolar economicamente a Inglaterra. Como assim?

Caro aluno, para isolar a Inglaterra, que é uma ilha, Napoleão decretou o ***Bloqueio Continental*** em 1806, ou seja, os países do continente europeu não poderiam comprar nem vender seus produtos para a Inglaterra.

A finalidade era sufocar os ingleses, impedindo que comprassem ou vendessem para algum país europeu: “Quem comerciar com a Inglaterra, eu invado!” disse Napoleão, e ele não estava brincando.



A transferência da Corte para o Brasil

Portugal estava numa enrascada. Se atendesse às ordens de Bonaparte, os ingleses invadiriam o Brasil. Ficando com os ingleses, sofreria a vingança francesa.

Se correr o bicho pega, se ficar o bicho come.

Dom João, príncipe-regente (sua mãe, D.Maria, tinha ficado louca), bem que tentou enrolar os dois lados, fazendo promessas hora para um, hora para outro.



Fingia que dava uma dura nos ingleses, fechando os portos, mas por debaixo dos panos, negociava alternativas com seus aliados. Pouco adiantou. Napoleão pressionou e D.João, covarde, prendeu os ingleses residentes em Lisboa. Só que a invasão francesa já estava em curso.

O pavor tomou conta da nobreza. Os ingleses propuseram um acordo: escoltariam os navios portugueses levando o rei e os nobres em segurança até o Brasil, mas D. João teria de se comprometer a seguir as cláusulas de um pacto secreto que abriria os portos brasileiros.

Apesar da idéia de transferência não ser uma novidade, os portugueses foram pegos de surpresa pelo ataque francês. Então escoltados pelos ingleses, cerca de 15 mil nobres se acotovelaram nos navios. Não sem antes saquear o ouro das igrejas e do tesouro nacional. O povo que enfrentasse os invasores sozinhos!

— Agora responda em seu caderno:

4) Identifique o motivo da vinda da família real para o Brasil.

Chegando ao Brasil, D. João tratou logo de agradar os ingleses: decretou a Abertura do Portos (1808). Os ingleses e outros países amigos agora poderiam comerciar diretamente com o Brasil. Isto é muito importante, pois praticamente significava **O FIM DO PACTO COLONIAL**.

O Brasil só se separou politicamente de Portugal em 1822, mas a principal característica da colonização, o monopólio, estava extinto desde 1808.

Em 1810, D. João assinou os Tratados do Comércio, Navegação e Amizade com a Inglaterra. Pois esses *Tratados de 1810* eram escandalosamente a favor dos britânicos. Quando as mercadorias chegavam ao Brasil, tinham de pagar um imposto alfandegário de 15% sobre seu valor. Agora compare as taxas aduaneiras que os outros países pagavam (em porcentagem):

<i>Estrangeiros</i>	24 %
<i>Portugueses</i>	16%
<i>Ingleses</i>	15%

**Viu!? Os ingleses pagavam menos impostos que os portugueses!
Haveria alguma dúvida sobre quem estava começando a mandar por aqui?**

O início do processo de Independência

Os livros escolares tradicionais falam que o **“Brasil ficou independente em 1822”**. Como se o país mudasse de repente, sem mais nem menos.

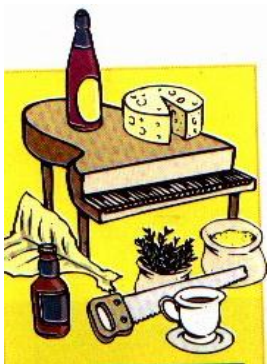
Imagine que você saiba *tudo* o que aconteceu no Brasil e no mundo no dia 7 de Setembro de 1822, quando D. Pedro deu o grito do Ipiranga. Você conseguiria explicar o porquê de o Brasil ter ficado independente? Claro que não! Porque a independência do Brasil **não** foi causada pelo que aconteceu naquele dia, *mas pelo o que vinha mudando nas estruturas da sociedade brasileira colonial*, mais ou menos do período que vai de 1808 a 1822 - que levou à Independência.

Para entendermos a independência do Brasil temos de olhar para a história do Brasil, para o longo processo de sua formação. Temos de entender o que era a estrutura colonial, como ela foi se tornando contraditória e o que vinha acontecendo no Brasil e no mundo, especialmente na Europa dos tempos napoleônicos e no Brasil com D. João.

Quando chegou ao Brasil, D. João VI anulou o **Alvará de 1785**, de D. Maria, que proibia manufaturas na Colônia. Ele tinha resolvido apoiar o desenvolvimento industrial no Brasil. Realmente, até que apareceram algumas pequenas metalúrgicas e manufaturas de tecidos nos estados de Minas Gerais e São Paulo. Porém, foram muito poucas.

Era difícil. Para começar, um país com tantos escravos e pobres não poderia ter um crescimento industrial espetacular. A grande barreira veio, porém, com a Abertura dos Portos e os Tratados de 1810. A partir daí, os produtos manufaturados ingleses entraram facilmente no Brasil e faziam uma **concorrência** devastadora.

Como você poderia, por exemplo, abrir uma fábrica de chapéus, se os ingleses na frente de todo mundo na Revolução Industrial, tinham condições de vendê-los aqui com melhor qualidade e mais baratos?



Quem passasse no porto do Rio de Janeiro iria ver uma enorme confusão.

Vinham para o Brasil, importados, coisas como pianos austríacos, cerveja holandesa, licores e medicamentos franceses, bonecas alemãs, azeite, bacalhau e vinho portugueses, chá da Índia, pimenta, enxofre e azeite de dendê africanos, queijos suíços e, principalmente, mercadorias inglesas: tecidos de algodão, lã e linho, porcelanas, objetos de metal e ferramentas, armas, sapatos, chumbo, cobre e etc. etc.

É óbvio que o Brasil estava sendo amarrado à economia inglesa. Através do Rio de Janeiro, inclusive, os ingleses exportavam boa parte de seus produtos para o resto do Brasil e para a América do Sul.

Com a balança comercial desfavorável, o Brasil pagava seus déficits com dinheiro emprestado dos banqueiros europeus.

CURIOSIDADE

O Brasil ficou entulhado de mercadorias britânicas de todos os tipos.

Tinha até coisas incríveis, tais como 'carteiras de dinheiro portanotas' (quando aqui só tinha moedas...), patins para esquiar na neve de nosso inverno (!) e talvez, quem sabe, até penicos de luxo, que tocavam música quando o sujeito sentava...

Perceba que, desde aquela época, os capitalistas internacionais ganham à custa de nossa dívida externa!

— Agora responda em seu caderno:

5) O que provocou a balança desfavorável no comércio entre Inglaterra e Brasil? Como saldávamos as dívidas?

Saiba mais...

Marajá é aquele funcionário público que, ao contrário dos outros, não trabalha e recebe uma grana alta todo mês. No Brasil, o número deles cresceu muito no regime militar após 1964. Entretanto já existiam há muito tempo.

Quando os 15 mil nobres portugueses desembarcaram no Brasil, havia um problema: o que fazer com eles? Eram um bando de parasitas ociosos. O jeito foi arrumar-lhes empregos públicos. Para isso, foram criados cargos de vários tipos, onde os “dito-cujos” não serviam para absolutamente nada.

Muitas coisas irritavam os brasileiros. Com a chegada da nobreza, as autoridades colocavam uma placa escrita **P.R. (Príncipe Regente)** nas ruas das melhores casas. Isso queria dizer que o dono tinha de abandoná-la, porque agora iria ser residência de um nobre português.

Os cariocas, como sempre ironizaram: P.R. queria dizer “Prédio Roubado” ou, então, “Ponha-se na Rua”!

Os mais altos cargos da burocracia foram reservados para os nobres portugueses. Os latifundiários brasileiros, que esperavam regalias, começaram a se irritar.

Com a fuga da corte para o Brasil, Portugal ficou sob o domínio francês. Durante 7 anos, o povo português lutou contra a ocupação. Em 1814, com a expulsão dos franceses, Portugal passou a ser governado por um inglês. Por que será?

Em 1815, as potências européias se reuniram no *Congresso de Viena*, que visava colocar alguns soberanos (reis) no trono de seus países e restaurar o absolutismo. Em Portugal isso não aconteceu, pois a família real estava aqui no Brasil. Os reis europeus pressionaram D. João para que voltasse para a Europa.

Não querendo ceder a essas pressões, D. João transformou o Brasil em *Reino Unido de Brasil, Portugal e Algarves*. Teoricamente essa lei favoreceu o Brasil, pois como Reino Unido, subiu de uma condição de inferioridade (colônia) e ficou unido a Portugal. Na prática, contudo, os portugueses continuaram dominando o Brasil. D. Maria I (“a louca”) faleceu em 1816. O príncipe-regente tornou-se rei, com o título de D. João VI.

Algumas coisas que D. João mandou fazer...

O Rio de Janeiro cresceu bastante depois da vinda da Corte. Esse crescimento não foi apenas por causa do número de indivíduos desembarcados, mas também por causa da nova função da cidade.

Era um ponto de encontro de militares, de negociantes, de nobres e de todos os tipos de poderosos.

Um papel destacado teve o **Banco do Brasil**, criado por D. João, em 1808. Sua principal função não era promover o desenvolvimento econômico, mas captar recursos para pagar as despesas do Estado. Mesmo assim, ele permitiu a ampliação dos créditos (empréstimos) para fazendeiros e comerciantes.

Temos de ver a presença da Corte no Rio de Janeiro com *posição crítica*. Sem dúvida a cidade cresceu, foi reformada, passou a ter o aspecto de uma cidade européia.

Mas será que o povo trabalhador foi beneficiado?

D. João criou:

- A Biblioteca Real (hoje é a Biblioteca Nacional, uma das maiores do mundo; fica no centro do Rio de Janeiro);
- O Museu Nacional, lá na Quinta da Boa Vista;
- O “belíssimo” Jardim Botânico;
- A Academia Militar;
- A Escola de Medicina.

A chegada da Corte Real provocou excitação na aristocracia rural brasileira. Nossas classes dominantes sempre foram “bajuladoras” dos valores estrangeiros.

Conta-se que naquela viagem da Corte para o Brasil, os piolhos, bichos democráticos por não distinguirem cabeças, infestaram os nobres. No desembarque, estavam ali nossos aristocratas, vestidos à européia, com paletós, luvas e casacos debaixo do sol tropical. Foi quando desceram as damas portuguesas de crânio pelado. As brasileiras ricas tiveram desmaios e gritos histéricos. “Vejam: é a última moda na Europa!” E correram para se raspar também...

Será que hoje é tão diferente? É só verificar o pessoal usando roupas com mensagens do tipo “I am an idiot” ou I♥NY...

para refletir...

Por que, além de biblioteca e museus, não se procurou alfabetizar a população?

Daí, dá para pensar na minoria privilegiada que os freqüentava. O Jardim Botânico procurou selecionar espécies vegetais que poderiam ser aproveitadas nas fazendas escravistas, além de servir de bucólico passeio para a aristocracia. Os médicos seriam para atender os pobres? Fábrica de pólvora para usar as balas contra o povo?

A cultura popular era perseguida. Os batuques dos negros, por exemplo, podiam ser proibidos porque, diziam que incitavam à revolta.

E os índios? No início do século XIX, a maioria deles estava exterminada. Porém, havia tribos no Interior.

O que fez D. João? Autorizou o retorno das *guerras justas*, ou seja, permitiu a escravização dos índios.

no Sul...

Em 1817, o rei enviou suas tropas para a colônia espanhola, vizinha do Rio Grande do Sul e atual território do Uruguai, que estava lutando para conseguir sua independência. As ordens eram de invadir e dominar essas terras, com o objetivo de ampliar o território brasileiro e garantir acesso ao rio da Prata.

Depois de muita luta, a região foi anexada ao Brasil com o nome de Província Cisplatina, isto é, província que está *antes* do rio da Prata.

Enquanto as tropas de D. João VI lutavam no sul...

no Nordeste... Os moradores de Pernambuco conspiravam para conseguir a independência do Brasil. Os participantes dessa rebelião eram padres, militares e civis, como juizes, comerciantes e proprietários de terras.

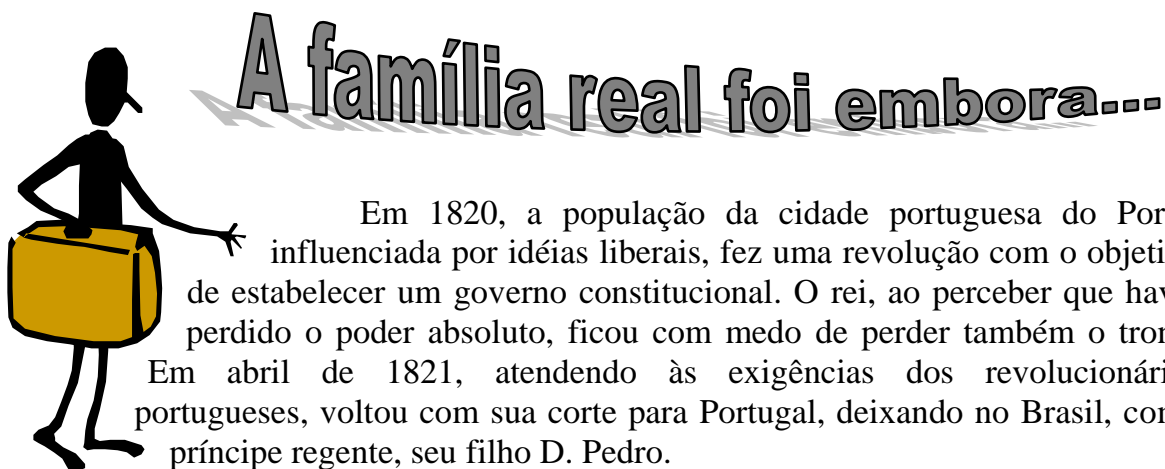
Os grandes proprietários rurais pernambucanos queriam resolver seus problemas econômicos, decorrentes da diminuição das exportações de açúcar e algodão.

Queriam também assumir o poder político, se não de todo o país, pelo menos de sua região. As pessoas das camadas sociais populares queriam melhorar sua condição de vida e desejavam igualdade de direitos. Havia até mesmo os que defendiam o fim da escravidão.

Os participantes do movimento foram denunciados e o governador da capitania mandou prendê-los antes dos planos estarem prontos. Os conspiradores militares resistiram à prisão, provocando tumultos que deram início à revolta popular conhecida como ***Revolução Pernambucana, em 1817.***

O governador da Capitania fugiu para o Rio de Janeiro e uma junta revolucionária tomou o poder, organizando o governo provisório, que proclamou a República.

Os revoltosos conseguiram o apoio de várias capitâncias do Nordeste. D. João VI enviou tropas, que logo conseguiram recuperar o controle sobre todas as capitâncias participantes do movimento. A repressão foi violenta e a maioria dos revoltosos, executada.



A própria revolução do Porto tinha uma contradição: ela era liberal para os portugueses e conservadora para o Brasil. *Liberal, porque buscava o fim do absolutismo português, conservadora, porque tentou recolonizar o Brasil.* Mas os brasileiros já tinham provado o gostinho da liberdade e não iam perdê-la. A independência era questão de tempo.

Dizem que, pouco antes da partida, *pai e filho, rei e príncipe, tiveram uma conversa de homem para homem.*

Pedrinho imaginou que seria sobre mulheres e algumas verdades da vida, mas seu pai logo o interrompeu, mostrando que o assunto era outro. O velho D. João estava sacando que o Brasil iria acabar se separando e por isso, preocupado, falou para o filho algo do tipo: “**Pedrinho, fique esperto e segura essa bocada!**”

Bem, talvez não tenha sido bem assim. A História oficial conta que D. João VI teria falado um tanto diferente, algo como: “Pedro, se o Brasil se separar de Portugal, que antes seja para ti, que és meu filho e hás de me respeitar, do que para qualquer um desses aventureiros.”

De qualquer forma o que vale é o núcleo da idéia. D. João estava percebendo que o medo dos **latifundiários** (grandes fazendeiros) de um movimento popular pela independência (que o preconceito real denominava “aventureiros”) poderia dar oportunidade para D. Pedro se conservar no poder.

Era isso mesmo. A presença da Corte no Rio de Janeiro tinha criado uma máquina de administração e domínio, de que as classes dominantes queriam se aproveitar. Não precisava mudar muita coisa. Bastava um ajuste aqui, outro lá, e arrumar a pecinha: D. Pedro.

O príncipe D. Pedrinho gostou da idéia. Ele era um típico filhinho-de-papai, reacionário (conservador) até a medula. Não via com bons olhos o governo liberal em Lisboa. Formado na ideologia absolutista, pensou que aqui governaria sozinho.

A gente pega os livros tradicionais e lê que D. Pedro foi o “**herói da Independência**”. É como se, de repente, ele tivesse feito o caridoso favor de nos emancipar, é como se não fosse pela vontade dele não teria havido Independência.

Muita atenção!!

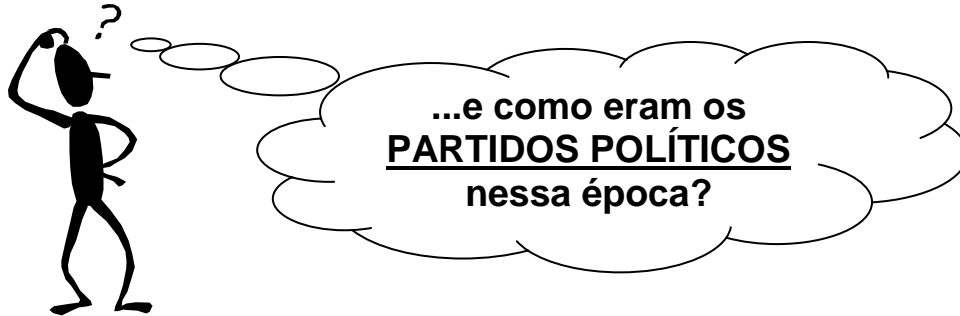
Bolas, aconteceu o contrário! As classes dominantes na Colônia tinham um medo danado da revolta popular. Então, a saída era a separação, mas tranqüila, sem alterar muito. Daí os latifundiários terem escolhido o príncipe português para ficar na frente da emancipação em relação a Portugal.

O príncipe D. Pedro foi, então, simplesmente um instrumento usado pelas classes dominantes. Ele foi manobrado pelos brasileiros, sem sentir que estava sendo empurrado.



— Agora responda em seu caderno:

6) *Releia o texto: “A família real foi embora” e destaque o trecho que você achou mais interessante.*



Naquela época, não existiam partidos políticos como hoje, isto é, com sede, direção escolhida, programa, concorrendo às eleições, etc.

Os partidos eram grupos de pessoas com interesses e idéias mais ou menos parecidos.

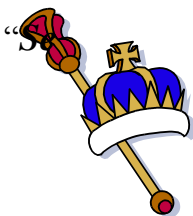
- O **Partido Português** não tinha só portugueses. O que acontecia é que havia os comerciantes interessados no retorno do Pacto Colonial. Junto deles estavam os militares portugueses e alguns funcionários da Coroa. Para eles, a independência nunca poderia ocorrer.
- O **Partido Brasileiro** tinha brasileiros e até portugueses. A diferença não estava no local de nascimento, mas sim na situação social. Ali estavam os homens mais ricos da Colônia: latifundiários, altos funcionários da burocracia estatal e comerciantes ligados ao comércio inglês ou francês e traficantes de escravos. Evidentemente, queriam o fim das restrições coloniais, mas democracia não constava no seu dicionário. Seu líder era José Bonifácio de Andrada e Silva.
- Os **radicais** eram um pequeno grupo com influência nos setores médios urbanos: pequenos comerciantes, advogados, padres, professores, farmacêuticos, funcionários públicos do baixo escalão, alfaiates, estudantes, ourives etc. Eles vinham da longa tradição de revoltas anticoloniais e republicanas. Para eles, a independência do Brasil deveria ter algo parecido com a Independência dos EUA ou a Revolução Francesa, com garantia de liberdades individuais.

A grande maioria do povo brasileiro não participava diretamente dessas movimentações políticas.

Escravos ou lavradores pobres, submetidos aos latifundiários, morando no campo e sem qualquer informação sobre o que acontecia na cidade, permaneciam passivos diante dessas movimentações.

D. Pedro tinha apoio dos **brasileiros** (o **Partido Brasileiro**) e, naquele momento, de alguns dos **radicais** de Gonçalves Lêdo, que procuravam atrair o príncipe para suas posições. Com esse apoio, sentia-se capaz de peitar as instituições arrogantes e recolonizadoras das Cortes.

O governo português deu ordens para que D. Pedro retornasse a Lisboa. Uma multidão foi para as ruas do Rio de Janeiro e pediu para ele desafiar a ordem recebida. Ouvindo os conselhos de seus poderosos assessores, respondeu que aceitava a “solicitação” do Senado e da Câmara do Rio de Janeiro. No dia 9 de janeiro de 1822 disse:



*“...se é para o bem de todos e a felicidade geral da nação,
diga ao povo que fico.”*

Você já ouviu esta frase antes, não é mesmo?

Esse é o famoso ***Dia do Fico***.

Uma semana depois, D. Pedro nomeou um ministério que tinha à frente um brasileiro: José Bonifácio de Andrada e Silva. Em fevereiro, D. Pedro convocava o Conselho de Procuradores Gerais das Províncias do Brasil. A idéia era preparar a união de todas as províncias (Estados), para impedir a fragmentação política (separação).

Perceba uma sutileza: D. Pedro estava claramente armando a independência, devagar e sem alarde, com um detalhezinho à toa, que era a total ausência de participação popular.

Os radicais queriam que a união viesse através de uma Assembléia eleita pelo povo, mas José Bonifácio, D. Pedro e os brasileiros manobram contra isso.

Os livros escolares apresentam a independência como uma simples luta entre Colônia e Metrópole. Porém, atrás disso estava o combate entre o autoritário e elitista Partido Brasileiro e o democrático grupo radical, que, na verdade, representavam distintas classes sociais.

Em maio de 1822, decretou-se o ***Cumpra-se***. Os decretos das **Cortes portuguesas** só valeriam se tivessem autorização do príncipe. Mais um passo no caminho da Independência.

Em junho, D. Pedro convocou eleições para uma **Assembléia Constituinte**. Os **radicais** queriam eleições diretas e direito de voto para todos.

E os **conservadores** (brasileiros), liderados por José Bonifácio que, inicialmente, era contra a Constituinte (houve até quem contasse que ele teria dito: “Hei de enforcar esses constitucionais na Praça da Constituição”), fizeram seus pontos de vista prevalecerem: voto indireto e proibido aos que recebessem salário (com algumas exceções, como os administradores de fazenda).

Em setembro de 1822 as Cortes Portuguesas enviaram, então, um ultimato: “Voltai imediatamente!”

Não havia outra saída, D. Pedro estava viajando para São Paulo, quando fez a pose para a foto. Era o dia 7 de setembro do ano de 1822. Deu o famoso berro: **Independência ou Morte!** De preferência, independência para as elites, morte só para o povo.

Em outubro seria aclamado e, em dezembro coroado imperador.

MAS, PORQUE SERÁ QUE O
POVO NÃO FOI CONSULTADO!?



...mas afinal, com a Independência, o que mudou?

O Brasil estava politicamente independente. Mas essa independência tinha sido uma mudança conservadora, OU SEJA, o Brasil permanecia dominado pelos grandes proprietários escravistas e pelos grandes comerciantes.

Certamente não éramos mais uma colônia. Portugal estava fora e comercializávamos com quem queríamos. Só que, agora, quem exercia muita pressão sobre a gente (sem nos colonizar) era a *Inglaterra*.

Nos invadia com suas mercadorias industrializadas e, assim, praticamente impedia nosso desenvolvimento fabril, ou seja, a abertura de manufaturas (fábricas).

Emprestava dinheiro a juros altos e nos explorava com a dívida externa. (Parece que já vimos esse filme, não é mesmo?) Em relação à Europa que se industrializava, o Brasil se reduzia a um mero exportador agrícola.



Essa relação com a Inglaterra capitalista e industrial, note bem, certamente era diferente da antiga relação com Portugal feudal e mercantilista.

Todavia, é preciso que você perceba um ponto que os livros escolares omitem (escondem) com frequência: ela não era resultado exclusivo do poder da Inglaterra.

A situação do Brasil atendia diretamente às elites nacionais, ou seja, os poderosos daquela época.

Agora, uma pausa para reflexão

❖ **O Vulcão e o Trono**

Pense um pouco: não é meio esquisito que o primeiro governante do Brasil independente tenha sido D. Pedro I?

Puxa, ele era português. Mais ainda, era um príncipe português.

Mais e mais ainda, era um príncipe português, filho do rei da Portugal e herdeiro direto do trono em Lisboa!

O que acontecia é que as elites brasileiras tinham pavor de uma revolta popular.



O fantasma da Revolução Francesa, com o povão pegando em armas e exigindo direitos democráticos, rondava todo o mundo ocidental, incluindo as colônias na América. Para se livrar da Metrópole seria preciso derrubar o governo colonial. Mas haveria o risco da instabilidade, do esvaziamento do poder, da agitação das ruas.

Como evitar? Era preciso resolver a equação política: como romper com Lisboa sem derrubar o governo na Colônia, evitando o descontrole da multidão? Resposta: mantendo o príncipe português.

O Dr. Raymundo Faro, em sua obra "Os Donos do Poder", disse que no Brasil as elites enxergavam o povo como um vulcão prestes a explodir.

A política, para as classes superiores, consistir-se-ia em evitar a erupção desse vulcão popular.

Foi o que levou D. Pedro a sentar-se no trono verde-amarelo.

❖ *Quem realmente faz a História?*

Os livros tradicionais de História estão sempre falando de nomes de reis, generais, milionários e outros figurões. Ficamos com uma impressão de que, para poder participar das mudanças na sociedade, é preciso ser alguém muito especial. Por essa visão, as pessoas comuns (e somos a maioria!) devem se resignar a ficar quietas e caladas.

Nas escolas perguntam assim: “Quem fez a independência do Brasil?” Resposta: D. Pedro I. “Quem libertou os escravos?” Resposta: Princesa Isabel. “Quem descobriu o Brasil?” Resposta: Pedro Alvares Cabral. É como se alguns poucos heróis, sozinhos e por vontade própria, pudessem mudar o curso da História.

Uma andorinha só não faz verão. Um sujeito só não faz a História. Quem faz a História são as classes sociais em luta por seus interesses econômicos, ideológicos e políticos.

Leia o poema do dramaturgo (autor de teatro) alemão do século XX, chamado Bertold Brecht, na página seguinte.

Dá para você perceber como ele critica a História Tradicional, a que só fala dos reis, dos césares, dos generais, dos ricos?

Com ironia, Brecht pergunta pelo povo trabalhador, pelos pedreiros da muralha da China, pelos escravos de Atlântida, pelo cozinheiro de Júlio César, o general de Roma.

A maioria das pessoas não percebe o quanto a escola dá uma educação política.

Se o homem comum do povo, como eu e você, achar que a História é feita somente pelos grandes homens, acaba convencido de que ele e o povo, gente simples e comum, que tem conta a pagar, dor-de-barriga e calças velhas, são incapazes de mudar a sociedade.



***Vão abaixar a cabeça e aceitar
qualquer exploração,
como cordeirinhos.***

Imagine operários trabalhando numa fábrica. Um calor infernal, o encarregado exigindo mais eficiência e produção, um barulho ensurdecedor, a ameaça de serem despedidos, a cansaço, o salário miserável, a fome. Como se livrar da opressão?

Se acreditam na lição que aprenderam na escola, que a Princesa Isabel libertou os escravos, então nunca irão lutar pelos seus direitos.

Aprenderam a não acreditar nas suas forças, na capacidade de união de seus companheiros. Supõem que suas vidas só irão melhorar quando aparecer algum figurão para socorrê-los, quem sabe um novo patrão bem bonzinho!

Minha gente, direitos nunca são doados. Ninguém dá direitos a outros de mão beijada. Direitos não vem através da caridade.

Os poderosos só abrem mão de seus privilégios, depois de terem sido derrotados. O direito é sempre conquistado. E conquista envolve luta.

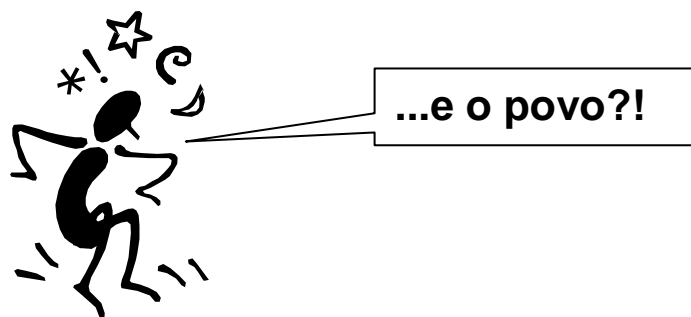
O povo trabalhador conquista seus direitos quando, unido e organizado, luta para arrancá-los das classes dominantes.

Essa conversa de que quem faz a História são os heróis não é encontrada só na escola. Na televisão, nas histórias em quadrinhos, vemos aos montes os “salvadores dos oprimidos-coitadinhos”.

Sempre a mesma idéia: “o povo é fraco, é incapaz, é ignorante...”.

D. Pedro não foi o autor da Independência do Brasil. Ele era apenas a pecinha de uma grande máquina, controlada pelos grandes latifundiários (fazendeiros) e apoiada pela Inglaterra.

Se, em alguns momentos, ele assumiu um papel importante, e até de liderança, foi porque tinha o apoio de poderosos grupos.



Ah! ...o povo não aparece nos livros didáticos tradicionais...

PERGUNTAS DE UM TRABALHADOR QUE LÊ

Quem construiu a Tebas das sete portas?
Nos livros constam nomes de reis.
Arrastaram eles os blocos de pedra?
E a Babilônia várias vezes destruída?
Quem a reconstruiu tantas vezes?
Em que casas da Lima dourada moravam os operários?
Para onde foram os pedreiros, na noite em que
a muralha da China ficou pronta?
A grande Roma está cheia de Arcos do Triunfo.
Quem os ergueu? Sobre quem triunfaram os Césares?
A decantada Bizâncio
Tinha somente palácios para seus habitantes?
Mesmo na lendária Atlântida
Os que se afogaram gritaram por seus escravos
Na noite em que o mar os tragou.

O jovem Alexandre conquistou a Índia.
Sozinho?
César derrubou os gauleses.
Não levava sequer um cozinheiro?
Felipe da Espanha chorou, quando sua Armada
Naufragou. Ninguém mais chorou?
Frederico II venceu a Guerra dos Sete Anos.
Quem venceu além dele?

Cada página uma vitória.
Quem cozinhava o banquete?
A cada dez anos um grande homem.
Quem pagava a conta?

Tantas histórias.
Tantas questões.

Bertold Brecht

— Agora responda em seu caderno:

7) Refletindo sobre o texto acima, quem são os verdadeiros heróis na História do Brasil?

O Primeiro Reinado

Com a independência o Brasil acabava de se tornar um **Estado**, isto é, **país livre e com organização própria**. O Estado Brasileiro nascia com um governo *monárquico*. Seu nome passou a ser *Império do Brasil*.

Quando surge um novo Estado, junto com ele surgem também algumas necessidades. É preciso organizar a coleta de impostos para o Estado ter dinheiro para pagar, por exemplo, os funcionários públicos. Até 1822, os funcionários públicos, trabalhavam em instituições organizadas pelo governo português. Para garantir nossa independência, o Estado Brasileiro precisava organizar as forças armadas, pois nas províncias da Bahia, Maranhão, Piauí, Pará e Cisplatina havia tropas portuguesas dispostas a lutar contra a separação de Portugal.

D. Pedro I recorreu a estrangeiros para organizar as forças armadas brasileiras. Contratou alguns militares europeus que já tinham colaborado nas lutas de independência das colônias espanholas. O almirante escocês lord Cochrane, foi o primeiro chefe da Marinha brasileira. Sob o seu comando, a Marinha brasileira conseguiu dominar as tropas portuguesas que ainda resistiam à independência na Bahia, Maranhão, Piauí e Pará.

As tropas brasileiras que dominavam a Província Cisplatina renderam-se ao cerco que lord Cochrane fez a Montevideú. A situação dessa província, no entanto não foi resolvida definitivamente. Colonizada pelos espanhóis e dominada por tropas portuguesas enviadas por D. João em 1817, como você já viu. A província Cisplatina tinha pouca coisa em comum com o Brasil. Seus habitantes desejavam se tornar livres e logo em seguida começaram uma guerra de independência.

É importante, para um país, estar bem relacionado com os outros. Isso traz segurança política e possibilidades comerciais.

Logo que proclamou a Independência, o novo governo brasileiro buscou o reconhecimento oficial de diversos países.

O primeiro deles foram os Estados Unidos (1824). Eles tinham medo que uma intervenção europeia no continente ameaçasse sua própria integridade nacional. Quanto mais independências houvesse na América, mais seguros os Estados Unidos se sentiriam. Por isso formularam a Doutrina Monroe: “América para os Americanos”, ou seja: “europeus, não se metam!” O chato é que no século XX a doutrina Monroe passou a significar “América para os norte-americanos”.

Os ingleses estavam numa posição parecida com a do sujeito que tem vontade de continuar com a amante, mas não quer se separar da esposa: desejava comercializar com o Brasil, sem perder a aliança com Portugal. Bem, em muitas ocasiões, o dinheiro resolve boa parte dos problemas, não é mesmo?

O Brasil, além de outras exigências cumpridas, pagou a Portugal uma indenização de dois milhões de libras esterlinas.

..E como é que arrumamos dinheiro para pagar a conta?

Pedindo emprestado aos banqueiros ingleses. E será que Portugal ficou com essa grana toda? Claro que não! Portugal devia aos ingleses e teve de pagar. Adivinha quanto? Isso mesmo: cerca de dois milhões de libras esterlinas... Conclusão: os ingleses acabaram emprestando para eles mesmos e nós é que pagamos os juros! É algo parecido com o marido que paga o motel do amante de sua esposa...

Uma vez que Portugal, depois que o Brasil cumpriu suas exigências, tinha aceitado a Independência brasileira (em 1825), os outros países passaram a nos reconhecer diplomaticamente.

Os ingleses como sempre, fizeram exigências. Uma delas, bem pesada, era a renovação dos ultrafavoráveis tratados de 1810. Foi então, assinado o Tratado de 1827 (que durou até 1844), que cobrava uma tarifa alfandegária de apenas 15% para seus produtos (tal como nos tratados de 1810, no tempo de D. João, lembra-se?).

Enquanto os ingleses nos entulhavam de manufaturados, nem sempre importavam muita coisa do Brasil, já que boa parte dos tipos de nossos produtos exportados eram encontrados nas colônias britânicas.

Veio um trem de concessões favoráveis às potências estrangeiras, quando em 1828, o governo brasileiro estabeleceu tarifas de 15% para todo mundo. O Brasil estava se tornando um esposo que sustentava todos os amantes de sua mulher.

Saiba mais

Um governo antidemocrático

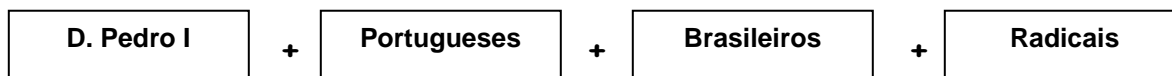
O Brasil é um país que na sua história tem mais eleições pra “Rainha da Primavera” e “Gata Verão” do que para escolha de governo. Nenhum trabalhador votou em D. Pedro. Ele foi selecionado pelos homens mais ricos do país e deveria governar em favor deles. O Estado tinha como principais tarefas garantir a propriedade e os privilégios e reprimir revoltas populares.

Portanto, o governo de D. Pedro nada teve de democrático. Pelo contrário, foi um período em que cresceram as oposições e ele respondeu com repressão. O psiu de silêncio foi feito com a espada e o canhão. É assim que o ex-professor da Universidade de Brasília, Hamilton M. Monteiro o caracteriza:

“A História do Brasil, de 1821 a 1831, é a história da violência das forças conservadoras, prendendo, banindo do país e condenando à morte os líderes populares e democráticos: é a história das devassas por delito de opinião, da censura à imprensa, da suspensão das garantias individuais e da instalação das tais odiosas comissões militares.”

E a política, como vai?

Assim que foi proclamada a Independência, parecia uma lua-de-mel do Imperador com quase todo o Brasil:



Podemos perguntar o porquê de o Partido Português, composto por comerciantes, burocratas e militares que se beneficiavam com o Pacto Colonial, ter apoiado D. Pedro. É que eles raciocinavam mais ou menos assim: “Se a derrota foi inevitável, relaxe e aproveite”. Sua esperança estava em poder influenciar o imperador (que era herdeiro do trono português!) e apoiar um reforço de seus poderes, para, em troca serem beneficiados. É quando se chocam com o Partido Brasileiro.

Os brasileiros desejavam um poder executivo forte nas mãos do imperador, mas queriam exercer uma vigilância direta por meio do poder legislativo: pelo sim pelo não, atacaram os portugueses, pois temiam sua aproximação com o imperador.

Temos, então, uma briga que apareceu na Assembléia Constituinte de 1823 e seguiu cada vez mais aguda:



Os latifundiários não estavam unidos. Um setor apoiava a centralização da administração e do poder político em torno do imperador: eram os beneficiados por estar na região onde se colocava o poder, ou seja, os latifundiários do Sudeste, particularmente ligados ao porto do Rio de Janeiro, os comerciantes e os burocratas.

Esse ponto é importante frisar: a vinda da família real para o Brasil significara o fim do monopólio colonial dos portugueses. Mas havia uma nova forma de monopólio, através do papel de controle econômico-administrativo do Rio de Janeiro.

É como se o Rio e o Sudeste fossem a nova metrópole. Esses novos interesses do grupo de latifundiários-burocratas-comerciantes do Rio de Janeiro constituíram o Partido Brasileiro. Com isso, os latifundiários das províncias distantes, no Nordeste e Sul, protestaram. Temos aí o conflito.

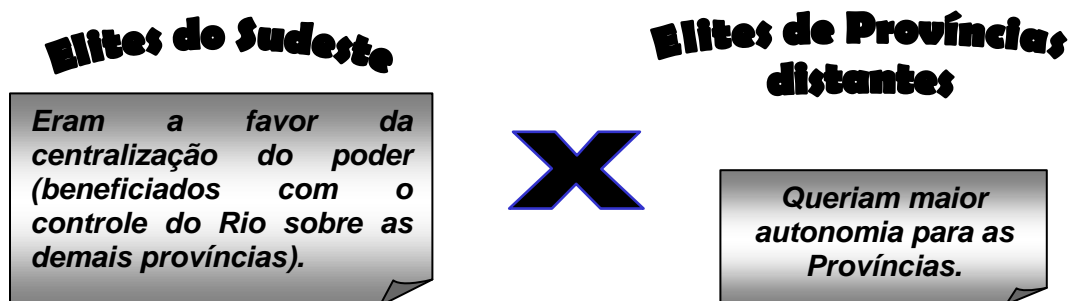
O liberalismo político brasileiro era peculiar. Para os latifundiários, ser liberal era querer a liberdade econômica e a soberania nacional. Nada a ver com democracia, nem com direitos para o povo.

Os autores de livros didáticos, e até mesmo alguns historiadores respeitáveis, costumam se “embananar” com o tal “liberalismo brasileiro” da época.

Fica difícil dizer quem era liberal e quem era conservador. É que liberal não era sinônimo de democrata. Além disso, nós não podemos cair na armadilha do vocabulário da época, que fazia com que a palavra liberal fosse usada sem precisão.

É o caso dos radicais. Assim como, ainda hoje, basta uma pessoa não admitir certas injustiças para que lhe acusem de ser comunista (o que acaba sendo um elogio aos comunistas), na época eram chamadas de radicais pessoas dos mais diferentes tipos.

Ora, como é possível que um radical como José Clemente Pereira tenha se tornado ministro de Pedro I?



Esses radicais representavam os setores médios urbanos e, evidentemente, queriam ampliação dos direitos políticos. Mas não pensavam igual, Gonçalves Ledo, por exemplo, que era filho de comerciante abastado, aceitava a monarquia constitucional, o que é bem diferente de democratas realmente radicais, republicanos e a favor do voto popular, como o grande baiano Cipriano Barata.

José Bonifácio de Andrada e Silva, um dos líderes do Partido Brasileiro, tinha posições contraditórias. De um lado, combatia a extrema direita, os *corcundas* (“portugueses”), pois estes queriam poderes quase ilimitados para o imperador. Contra os liberais, entretanto, mostrou toda a sua face repressora e reacionária. Desde que se tornou ministro de D. Pedro, criou cargos de polícia com finalidade exclusiva de mandar violar correspondência; autorizou a expulsão, do Rio de Janeiro, de cidadãos acusados de “tramar contra a ordem pública”; estabeleceu rígida censura sobre a imprensa; deu ordem para prender os radicais.

A grande maioria do povo brasileiro da época vivia na zona rural. Escravos ou livres, eram trabalhadores pobres, analfabetos, distantes das informações e desorganizados. Desconheciam a vida política das cidades, a agitação dos radicais, os ataques dos jornais de oposição, as conversas inflamadas nas esquinas e nas mercearias. Com a sabedoria do caboclo, desconfiavam de que as mudanças na Corte sempre acabavam em prejuízo dos pobres.

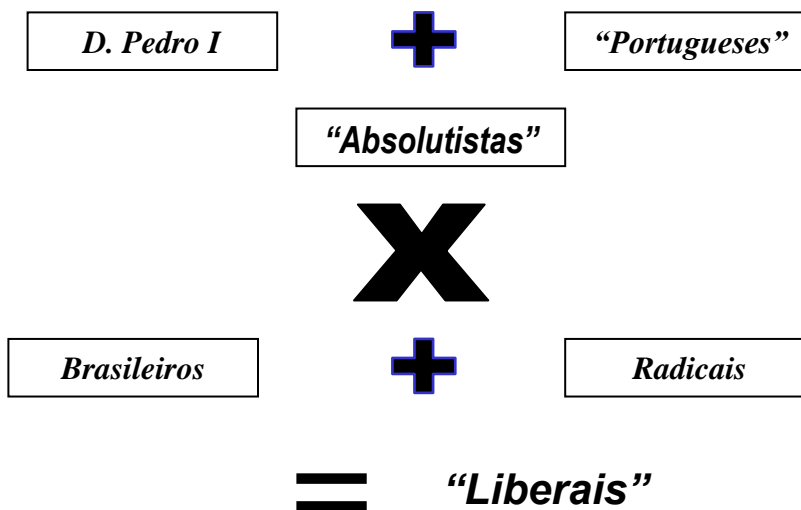
*O povo não era apático ou desinteressado.
Os brasileiros pobres sempre lutaram contra as classes opressoras.
Ao contrário do que dizem, não somos de “índole pacífica”.
Nossa história está cheia de rebeliões populares, guerrilhas, motins, protestos,
saques e outras táticas de defesa.*

O que não havia era a forma usual de fazer política. Existia uma participação política popular importante, embora subterrânea e algo inconsciente.

Os movimentos quilombolas eram altamente políticos, pois contestavam a ordem social baseada no trabalho escravo e no domínio de classe dos proprietários das terras. O que acontece é que, obviamente, não havia um Partido dos Quilombos concorrendo às eleições ou a candidatura de Ganga-Zumba à presidência da República.

D. Pedro I, ao ouvir falar do povo, sentia vontade de pôr a mão no seu chicote. Só que se mostrou uma peça incapaz de fazer funcionar bem uma máquina atormentada por tantas contradições: conservadores X liberais, “portugueses” X “brasileiros”, Sudeste X Províncias distantes do Rio, anti-democratas X radicais, senhores X escravos, classes ricas X camadas populares.

Autoritário, aproximou-se cada vez mais do grupo “português”, assustando os que temiam a recolonização:



A partir daí, ele perdeu o apoio do principal grupo que o sustentava, os latifundiários e os grandes comerciantes do Rio de Janeiro. Sem força, caiu em 1831.

A Constituição de 1824



A primeira Constituição que o Brasil teve era muito antidemocrática. E foi a que mais tempo durou...

A Assembléia Constituinte tinha sido convocada por D. Pedro, e se reuniu em 1823. Na abertura dos trabalhos, o imperador fez um longo discurso, dizendo que defenderia a Constituição caso “ela fosse digna do Brasil e de mim”.

Sentiu a cara-de-pau do moço? Ele se julgava no mesmo nível de importância do Brasil inteiro. Mais ainda, pois completou: “...espero que a Constituição que façais mereça minha imperial aceitação...”

Esse “Brasil” de que ele falava era apenas a minoria dos ricos e abastados que ali estavam representados na Assembléia. Como eles tinham interesses divergentes, logo surgiram conflitos.

Primeiro, porque hostilizavam-se os portugueses residentes no Brasil. Nos discursos da Assembléia Constituinte, eram comuns palavras como estas: “Falemos claro; é quase impossível que um português possa amar de coração uma situação que implica a ruína de sua pátria de origem.”

O Partido Português se defendia, aproximando-se do Imperador e apoiava suas pretensões autoritárias.

Temos aí um segundo motivo para o conflito. O deputado Antonio Carlos de Andrada e Silva (irmão de José Bonifácio) tinha elaborado um projeto de Constituição em que se propunha a limitação dos poderes do imperador.

Não que fosse uma proposta democrática (voltada para o povo), pois queria um poder executivo forte e direito de voto limitado aos cidadãos com renda superior ao equivalente a 150 alqueires de mandioca. Daí, o povo, sem direitos eleitorais, apelidou-a de *Constituição da Mandioca*.

Acontecia que D. Pedro I não estava disposto a aceitar limitações ao seu poder. Ele era muito autoritário. E como tinha o apoio dos portugueses e de alguns setores latifundiários, não teve conversa: mandou as tropas fecharem a Constituinte.

D. Pedro fez como tantas vezes aqui e em outros lugares: acabou com a liberdade, sob o pretexto de preservá-la. Prometendo uma nova Constituição, “duplamente liberal”.

Em alguns dias, um Conselho de Estado, um bando de figurões reacionários nomeados por ele, preparou o texto, que foi outorgado, isto é, imposto sem discussão. Sua cara-de-pau chegou ao ponto de ele jurar obedecer a essa Constituição (“Eu juro que me obedeço! Eu me amo! Eu me adoro!”).

A Constituição de 1824 tinha uma casquinha que seguia alguns princípios liberais. Entretanto, o miolo era basicamente autoritário. Mas não chegava a ser absolutista, como dizem alguns livros, pois em monarquias absolutista não existiam Constituições.

Para começar, **o voto era censitário**, isso quer dizer que só podia votar quem tivesse uma renda, de no mínimo 100 mil réis anuais e fosse maior de 25 anos. Para piorar, **o voto era indireto**. Isso quer dizer que o eleitor não votava diretamente nos deputados e senadores: ele apenas escolhia os votantes.

Só podia ser votante quem tivesse uma renda mínima de 200 mil réis anuais. Esses votantes é que podiam escolher quem seria deputado e senador. *Estava claro que o povo trabalhador ficava fora das eleições.*

O **Poder Legislativo** (faz as leis) era formado pela Assembléia Geral do Império, composta pela Câmara dos Deputados e pelo Senado. Num flagrante desrespeito à lei, o imperador só permitiu que a Assembléia funcionasse partir de 1826.

O **Poder Judiciário** tinha os juizes dos tribunais nomeados pelo imperador.

O **Poder Executivo** tinha como chefe o imperador e era exercido pelos ministros, que ele nomeava sem dar satisfações ao povo nem à Assembléia.

**E a grande atração deste
show anti-democrático foi...**

O Poder Moderador

Era a moda trazida de Paris, era um quarto poder inventado por um pensador reacionário (contrário à liberdade), chamado Benjamim Constant. O Poder Moderador dava poderes discricionários, (quase ilimitados) ao imperador, que, assim, tinha uma autoridade indiscutível sobre os outros poderes: podia nomear e demitir ministros, fechar a Assembléia Geral, demitir juizes do Supremo Tribunal e convocar tropas a hora que quisesse sem prestar contas a ninguém.

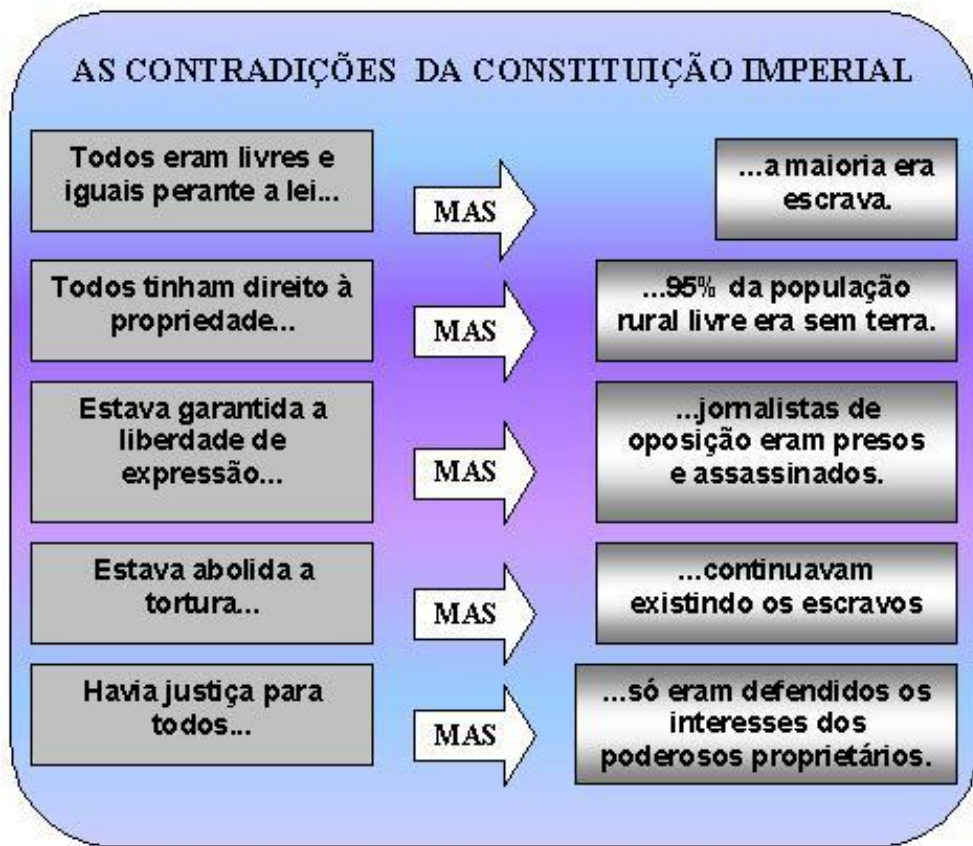
O poder estava totalmente **centralizado**. Isso quer dizer que os governadores das Províncias eram nomeados pelo imperador e todas as decisões importantes sobre as Províncias do Norte, do Nordeste ou do Sul não eram tomadas pelos de lá, mas pelos do Rio de Janeiro. Os impostos pagos pelas províncias ficavam na capital. Assim, o Rio de Janeiro e as províncias próximas eram as principais beneficiadas. Foi uma verdadeira ditadura do Sudeste sobre o resto do Brasil.

A Igreja Católica foi oficializada. Através do **padroado**, os bispos passaram a ser pagos pelo governo, que também os nomeava.

As instruções do papa só valeriam no Brasil caso contassem com a autorização do imperador.

Como se vê, a Igreja era aliada do poder estabelecido, “desobedecer às autoridades era contrariar a vontade de Deus”.

Saiba mais!!!



— Agora responda em seu caderno:

8) *O maior sinal da anti-democracia foi o poder Moderador. Explique o por quê?*

Confederação do Equador

A **Constituição** foi mal recebida em quase todo o Brasil. No Nordeste, organizou-se uma *revolta*, que recebeu o nome de **Confederação do Equador**.

Saiba que teve esse nome devido à proximidade à linha imaginária do Equador, que divide o globo terrestre nos hemisférios norte e sul.

A **Confederação** seria um país republicano, com as províncias integrantes relativamente autônomas, e em comum teriam a mesma **Constituição e a política externa**.

Esse movimento teve início em Pernambuco, em junho de 1824, com a participação dos atuais estados da Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará, que se aliaram aos pernambucanos.

Muitas das idéias e dos participantes desse movimento eram os mesmos da Insurreição Pernambucana de 1817 (que já estudamos!).

A Confederação do Equador contou com grande participação popular e das camadas médias.

Os grandes proprietários, que inicialmente participaram desse movimento, saíram dele quando se colocou a proposta de libertação dos escravos.

O governo central reagiu rápida e violentamente: dominou a revolta e mandou prender muitos de seus participantes. Vários foram enforcados. O líder intelectual da revolta, frei Caneca, foi fuzilado.

— Agora responda em seu caderno:

9) *O povo recebeu pacificamente a nova Constituição? Cite um exemplo de seu descontentamento.*



A situação Econômica

Depois das guerras napoleônicas na Europa, a situação econômica do Brasil ficou feia. Os baixos preços internacionais e a concorrência externa abalaram nossas principais exportações (açúcar, algodão, etc.)

O único produto em ascensão era o café. A partir da década seguinte, foi o mais importante do país, reforçando o domínio do Sudeste, que naquela época era seu maior produtor.

Nossa balança comercial era negativa (importações maiores do que exportações). Os ingleses nos empanturravam de produtos manufaturados, aproveitando-se que os tratados de 1810 foram renovados em 1827.

Sem dinheiro, o governo apelou para os empréstimos dos banqueiros ingleses, que nos sugavam através dos juros. Em Londres (capital da Inglaterra), os capitalistas sambavam de felicidade.

A inflação cresceu e o Branco do Brasil simplesmente faliu, em 1829. É verdade que antes de se mandar para Portugal, D. João VI fez uma limpeza em seus cofres. Mas o governo de D. Pedro I continuara gastando sem controle, até quebrar. E no controle do Banco estavam justamente elementos portugueses, a se enriquecer de forma safada com negociatas (armações com o governo).

Se a situação econômica já estava enrolada para quem era rico, imagine para quem era pobre. A raiva contra a incompetência de D. Pedro crescia. Aí ele apareceu dizendo que iria tomar uma medida drástica contra a falta de dinheiro público: iria gastar mais dinheiro ainda. Numa guerra.

D. João VI, no Brasil, dera ordem para invadir o Uruguai, chamado então de **Província Cisplatina**.

Os uruguaios nada tinham a ver com os brasileiros. Afinal, eram uma ex-colônia da Espanha. A partir de 1825, liderados por Lavalleja, os patriotas uruguaios iniciaram sua guerra pela libertação nacional. D. Pedro gostava de tirar uma onda de “libertador”, lá para a turma dele, pois, na verdade quis manter o Uruguai submetido e para isso enviou tropas brasileiras para lá.

A Argentina também se intrometia. O país de Maradona sonhava em se unir ao Uruguai.

Os ingleses completavam a festa. Não queriam que os dois maiores países da América do Sul controlassem a entrada do rio da Prata. Preferiam que por ali houvesse um “**miniestado**”, mais fácil de vigiar. Era o caso do Uruguai, que, com o apoio inglês, obteve a independência, em 1828.

Nessa guerra contra Argentina-Uruguai, o Brasil perdeu muitas vidas. A dívida pública aumentou enormemente. O prestígio de D. Pedro caía a olhos vistos. A única desculpa que ele poderia dar seria: “Calma pessoal, que em 1950 a Copa do Mundo vai ser no Maracanã e aí a gente vai à forra contra o Uruguai.”

Não dá mais para aguentar D. Pedro!



D. Pedro foi posto no trono pelos latifundiários, que tinham nele uma pecinha conveniente para a máquina estatal funcionar. Mas a pecinha começou a dar defeito e provocar insatisfação.

Estouraram revoltas e fortaleceu-se a oposição liberal. Quando os latifundiários do Sudeste tiraram seu apoio, ele não tinha mais como se manter.

É importante notar que os problemas do Primeiro Reinado não estavam nas trapalhadas do imperador. Eles se localizavam na incapacidade daquele tipo de Estado em superar as graves contradições sociais. Os latifundiários precisavam de tranqüilidade para dominar. Não se tratava simplesmente de colocar um novo homem no trono (embora a incompetência de D. Pedro I, por si só, justificasse), mas de construir uma nova ordem política.

Vamos, então, fazer uma listinha das coisas que desagradavam:

- O autoritarismo do Governo contra as aspirações liberais. É bom saber que o banho de sangue que D. Pedro I promoveu na repressão à Confederação do Equador e o fechamento da Constituinte pegaram muito mal para a sua imagem.
- A crise econômica não só não foi resolvida, como piorou com empréstimos externos e uma guerra estúpida na Cisplatina.
- A aproximação constante de D. Pedro com os portugueses levantava a suspeita de que o Brasil poderia ser recolonizado.

A sucessão do trono português



Você se lembra de D. João VI? Pois é, o gordo reinava em Portugal. Comia sem parar. Comeu tanto que um dia ...Bum!! Explodiu. E morreu.

O herdeiro do trono seria seu filho, D. Pedro, mas pegaria mal se ele assumisse, pois já tinha a bocada do Brasil. Então, abriu mão em favor de sua filha, Maria da Glória.

A menina ainda era criança. Queria mesmo era brincar de boneca. Enquanto não era adulta, quem governaria Portugal seria o regente D. Miguel, irmão de D. Pedro.

Quando Maria da Glória tivesse mais idade, ela se casaria com o tio D. Miguel. (Não se espante, essa embrulhada de casamento entre parentes era comum na nobreza européia.)

D. Miguel não estava a fim de ser papagaio de pirata, nem marido de rainha. Apoiado pela Áustria absolutista, usurpou o trono, em 1828. A Inglaterra, que apoiava o outro lado, foi ao Brasil reclamar.

D. Pedro I vivia dando voltinhas na sala e roendo unhas. Preocupava-se mais com a sucessão portuguesa do que com o Brasil. Como se fosse dono de tudo.

Por causa disso, os latifundiários preocupavam-se com D. Pedro, cada vez mais perto de Portugal. Não dava mais para conciliar o irreconciliável. A batalha entre **brasileiros e portugueses** deveria ser decidida puxando-se o tapete dos pés do imperador.

Para isso, os latifundiários não hesitariam em sacudir as massas urbanas e deixar certo espaço para os radicais. Os jornais da oposição castigavam o imperador. Os radicais promoviam **minicomícios** e agitações.

Um jornalista, muito bom de ataque, sarcástico, popular entre os estudantes, chamado Líbero Badaró, foi assassinado por gente ligada a D. Pedro. Nenhuma punição aos criminosos. O ódio popular crescia.

O imperador resolveu visitar cidades mineiras, para ver se melhorava sua popularidade. Comeu queijos, beijou crianças e prometeu melhorias. Não adiantou. **Nenhum “uai” de apoio.**

Na volta para o Rio de Janeiro as ruas estavam cheias de gente. A maioria do povo vaiava D. Pedro. Os portugueses ricos, apelidados de pés-de-chumbo, puxa-sacos, começaram a agredir violentamente os manifestantes. Teve início a famosa pancadaria da **noite das garrafadas**.

No dia seguinte, noticiaram que a culpa era do povo. A multidão, os soldados, os ricos e os políticos, todos exigiam a queda de D. Pedro I. Arrogante como sempre, ele dizia que só estava indo embora porque queria. Mas que foi, foi. Em 7 de Abril de 1831, ele abdicava (renunciava ao poder) e partia para Lisboa.

Lá em Portugal, acredite se quiser, foi coroado rei D. Pedro IV. No fundo era o que ele queria.

— Agora responda em seu caderno:

10) Identifique os fatores que geraram descontentamento entre os latifundiários e que levaram à abdicação de D. Pedro I.

BIBLIOGRAFIA

- ◆ **Proposta Curricular para o Ensino de História** - Ensino Médio – Secretaria de Estado da Educação – Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas – São Paulo – 2ª Ed. – 1992.
- ◆ **Parâmetros Curriculares Nacionais** – Ensino Médio. Apresentação dos Temas Transversais – Ministério da Educação e do Desporto – Secretaria da Educação – Brasília – 1997.
- . **SCHMIDT**, Mário. Nova História Crítica da América. São Paulo, Editora Nova Geração, 1998.
- . **SCHMIDT**, Mário. Nova História Crítica: Moderna e Contemporânea. Ensino Médio. São Paulo, Editora Nova Geração, 1998.
- . **SCHMIDT**, Mário. Nova História Crítica do Brasil. Ensino Médio. São Paulo, Editora Nova Geração, 1998.
- . **COTRIM**, Gilberto. História Global – Brasil e Geral – vol. Único. São Paulo, Editora Saraiva, 1999.
- . **BOULOS JÚNIOR**, Alfredo. História Geral: Antiga e Medieval – vol. 1. São Paulo, FTD, 1997.
- . **ARRUDA**, José Jobson e **PILLETTI**, Nelson. Toda a História, Ensino Médio. São Paulo, Editora Ática, 1999.
- . **VESENTINI**, J. William. Sociedade e Espaço - Geografia Geral e do Brasil, Ensino Médio. São Paulo, Editora Ática, 1997.
- . **PILETTI**, Nelson. História do Brasil. Ensino Médio. São Paulo, Editora Ática, 2001.
- . **PEDRO**, Antonio e **LIMA**, Lizânias de S. História Geral – Compacto para o Vestibular. Editora FTD, 1999.
- . CD-Rom **ALMANAQUE ABRIL 2001** – BRASIL e MUNDO, Editora Abril, multimídia.
- . **ORDOÑEZ**, Marlene e **QUEVEDO**, Júlio. História, Editora IBEP, 1998.
- . CD-ROM CLIPART, **Brasil 500 anos**, Editora Ondas, 2000.
- . **JOBSON**, José Arruda. História Total. Vol.3 e 4. São Paulo, Editora Ática, 2001.
- . **DIVALTE**, Garcia Figueira. Novo Ensino Médio, volume único – com questões do ENEM. Editora Ática, 2002.